

---

## Conferência

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2025.v31.48670>

### Conferência e aula inaugural do PPG História – 23 de setembro de 2024<sup>1</sup>

*Inaugural lecture and lecture of the PPG History – September 23, 2024*

*Conferencia inaugural y conferencia de Historia del PPG – 23 de septiembre de 2024*

Giovanni Levi\*

#### Como citar esta conferência:

Levi, Giovanni. “Conferência e aula inaugural do PPG História – 23 de setembro de 2024”. *Locus: Revista de História*, 31, n. 1 (2025): 28-37

\*\*\*

Preciso dizer que não falo português, apenas uma mistura monstruosa de italiano e espanhol, provavelmente também algumas palavras chinesas. Não sei exatamente qual será o efeito. Não sei se dá para entender. Embora eu possa utilizar uma máquina de tradução perfeita. Tenho um texto em português, mas prefiro falar em vez de ler. É um milagre que exista um serviço que faz traduções verdadeiramente perfeitas. E assim, o trabalho dos tradutores vai desaparecendo pouco a pouco. Para ser mais explícito, posso dizer que falo portunhol.

Devo comentar meu choque, porque uma das manias, especialmente de Maíra, é traduzir. Eu não posso escrever nada, porque ela decide que deve ser publicado em Porto Alegre. Esse é o destino final de todos os papéis que eu produzo. Mas também tem Mônica, que me convidou. Esta é a terceira vez que venho a Juiz de Fora, e isso me honra imensamente.

Este livro [*Centro e Periferia de um Estado Absolutista*] é muito diferente de como eu o escrevi, porque foi melhorado enormemente graças a uma equipe de colaboradores de Maíra e Mônica, que encontraram muitos erros, muitas tabelas que não faziam sentido. Era um desastre. Que se pode

---

<sup>1</sup> Tradução e revisão técnica: Maíra Inês Vendrame; Mônica Ribeiro de Oliveira; Rita de Cássia Lara Couto; Yobani Maikel Gonzales Jauregui.

\* Professor emérito da Università Ca'Foscari Venezia, Itália.

dizer mais? O resultado é que está melhor do que eu conhecia. Agora vou lê-lo novamente para aprender coisas com este incunáculo da micro-história.

É um livro velho, mas não como eu. Eu o escrevi na universidade, quando comecei. Foi publicado em 1985, no mesmo ano da obra *A herança Imaterial*. Isso teve um efeito fatal, pois *A Herança Imaterial* teve doze traduções, por exemplo, na China e na Rússia. É uma prova importante da micro-história. Por quê? Porque é um livro que fala sobre um padre, um pouco estúpido, de uma pequena cidade do Piemonte, no século XVII. A pergunta seria: por que isso interessa aos chineses? Por que isso interessa aos russos? Foi traduzido para línguas complexas. Em parte, ainda está em processo de tradução em outros países. Esses são países que dizem: “Ah, nos interessa um livro que fala sobre nada”. Pode-se dizer que esse foi o resultado.

Bem, comecei em 1970, grosso modo, e, relacionando isso com as observações sobre a presente atividade, me parece importante dizer algo que deveria ser evidente para os historiadores – que são uma raça em processo de extinção. Ninguém quer tantos historiadores, porque são pouco produtivos. Existe um presentismo excessivo. Pensando na minha vida, pode-se dizer que são cinquenta e cinco anos de atividade como historiador. Percebi que a atividade do historiador é extremamente sensível à política – tanto à boa quanto à má política –, no sentido de que a política muda a história. Não porque altera os fatos históricos em si, mas porque transforma o espetáculo da historiografia, o interesse pelos acontecimentos históricos.

Faço um exemplo? A *Global History* foi uma monstruosa invenção ianque, na qual todos diziam: “Ah, o mundo é global, nada mais importa”. O resultado que vemos nesses últimos dois anos é que o mundo pode até ser global, mas está fragmentado de uma maneira impressionante. Na verdade, não há nada realmente global, há uma fragmentação monstruosa.

Agora, acredito que seja útil fazer rapidamente duas observações históricas. Este livro [*Centro e Periferia de um estado absoluto*] nasceu entre 1970 e 1989. O ano de 1989 marca a queda do Muro de Berlim. E o que aconteceu nesse período? Na Itália, houve uma série de subversões políticas, terrorismo etc., além de uma crise muito profunda da esquerda. Por quê? Porque a esquerda se apresentava – e tragicamente ainda se apresenta hoje – como o partido dos operários e camponeses. Certo? Mas isso não era verdade. A verdade é que os operários votam em Bolsonaro, em Lula ou em outros. Não há uma leitura automática. Isso era o resquício fatal de uma ideia sociológica.

Um grande etno-historiador, John Murra, que trabalhou sobre o Peru, foi um grande personagem, já falecido. Eu perguntei a ele: “Por que você acha que todas as outras ciências sociais são úteis para a história, menos a sociologia?”

Ele me disse que com a sociologia não somos nem amigos nem colegas. Por quê? Pode-se dizer que havia uma tradição mecânica da leitura social positivista. Também a historiografia marxista era positivista. Ela acreditava que a classe operária votava na esquerda, algo que hoje, tragicamente, nos faz rir. Isso é uma inverdade. Agora, entre os anos 1970 e 1989, nós, como historiadores e como criaturas políticas, pensávamos que o problema era que a realidade social devia ser vista com um microscópio, porque, se falamos de classes operárias, devemos olhar por dentro da classe operária. O que acontece? Não se pode pensar nesses mecanismos automáticos que os historiadores talvez ainda utilizem hoje: a burguesia, os camponeses, a classe operária. Todas essas coisas não existem como blocos homogêneos. São descrições positivistas imaginárias. Nossa esforço, então, era questionar isso, dizer “vamos olhar por dentro”, utilizar o microscópio, porque com ele podemos ver coisas que não contrariam a sociologia desse período. Foi assim que começou o trabalho da micro-história. Este livro é, de certa forma, um dos pais da micro-história.

Mas, de fato, Carlo Ginzburg e eu iniciamos essa atividade com grandes discussões com outros ilustres colegas, e a ideia era exatamente essa. Podemos fazer uma história que evite as simplificações positivistas e um marxismo positivista, uma imagem positivista do marxismo dos historiadores. Essa é uma das razões pelas quais, mais tarde, chegou 1989, ano que foi um fracasso porque nasceu a *Global History*. Por que nasceu a *Global History*? Porque havia a ideia de que, com o fim de um mundo binário, restavam apenas os Estados Unidos, o capitalismo e o neoliberalismo. O resultado final era que isso significava o fim da história. Havia um livro estúpido de Fukuyama chamado *O Fim da História*, que defendia a ideia do triunfo final. Não existia alternativa ao capitalismo e ao neoliberalismo. Isso gerou uma grande modificação na historiografia. Já não se sabia mais o que fazer com a história, porque ela havia terminado. Mas poderia a história ter seu fim?

Na realidade, imediatamente surgiu uma reação terrível, ainda mais fatal, contra o monopólio dos Estados Unidos e do capitalismo. Houve a fragmentação do mundo e o surgimento de diversos pequenos subimperialismos, se é que podemos chamá-los assim. Índia, Egito, Rússia, Estados Unidos, Brasil, Turquia – todos esses países buscaram criar um pequeno imperialismo ao seu redor. E era muito difícil responder a esses fenômenos falando de globalização, porque a globalização existe, mas existe em setores.

O resultado é a fragmentação na qual vivemos, e por isso devemos imaginar uma historiografia nova, diferente. Esta manhã, ao ouvir a apresentação da atividade, houve algo que tive um pouco de dificuldade em aceitar: o fato de que se estuda e se utiliza métodos macro-históricos e métodos globais da *Global History*. Eu acredito que o verdadeiro problema para países grandes como o Brasil deve ser inventar coisas novas, não aceitar o colonialismo da *American*

*Historical Review.* Devemos fazer coisas diferentes. Não podemos tomar a *Global History* ou mesmo a micro-história como as únicas soluções para a historiografia. Precisamos inventar outras soluções, trabalhar para criar novos métodos.

Amanhã, tenho que discutir com os alunos e manifestar minha opinião para os que utilizam o método micro-histórico. Talvez, o verdadeiro problema é que minha experiência nesse aspecto é um pouco dolorosa. Por exemplo, quando vou ao Magreb, no Norte da África, os estudantes sempre me dizem: “Que sorte a de vocês, italianos, que têm a micro-história”, como se estivessem dizendo que eles deveriam simplesmente repetir o que os outros já fizeram. Mas, na realidade, a história exige uma invenção contínua. Sobre isso, não sei se concordam com minha observação, que não é negativa, mas é uma verdade: devemos ter consciência de que a *Global History* — e eu adoro a *Global History* — foi um grande sucesso, mas também porque envolveu uma enorme quantidade de dinheiro, cátedras, revistas, tudo financiado pelo capitalismo.

Por ter feito uma exaltação do capitalismo mundial, seus sucessos foram caindo paulatinamente. A *Global History* hoje está menos na moda do que antes. Tivemos dez, quinze anos de um grande mestre, o historiador mais em voga atualmente é Sanjay Subrahmanyam. Esse historiador começou dizendo: “Os *Annales* estão mortos porque adotaram a micro-história e, gradualmente, passaram a se considerar uma *Global History*”. Mas, aos poucos, ele foi para o outro lado. Agora, tornou-se um micro-historiador, exalta a micro-história e fala muito mal da *Global History*. Ele diz História Conectada, não *Global History*. O mundo não é global. Devemos estudar tudo o que estudamos por meio do exame das conexões.

Tudo isso se liga a uma reflexão minha sobre a luta dos historiadores para existir. Aos poucos, os historiadores estão desaparecendo. Meu neto começou a universidade este mês para se tornar historiador. E eu tive duas reações: uma foi colocar um pouco de dinheiro no banco, porque ele vai passar fome, já que ninguém quer historiadores. E a outra foi porque me parece que há uma luta contra a historiografia.

Hoje pensamos de maneira contemporânea, o hoje é importante. Devemos destruir o passado... Agora, o problema é que a história deve ganhar um novo vigor, e isso passa pelo passado, pela recuperação do passado. Não para dizer: “Fantástico, matar indígenas foi um grande feito de Cristóvão Colombo”. Foi algo que aconteceu e que precisamos conhecer bem seus efeitos, mas não dizer que não estamos mais interessados no passado, porque ele é muito duro para nós. Isso é muito importante.

Sempre penso que podemos dizer algo que seja politicamente correto, como “Deus não existe”, mas ainda assim foi muito importante. O mesmo vale para a historiografia: pode ser que

ela não exista, mas ela própria foi fundamental. Nós pagamos por isso, a história também paga... Precisamos entender as coisas que tiveram consequências para nós.

Minha atividade foi fazer micro-história, e fiz isso de maneira exasperada, extrema: estudar coisas que não são importantes, absolutamente nada importantes. Porque a vida cotidiana não é importante – mas, ao mesmo tempo, é importante em si mesma. Precisamos ver quantas coisas a vida cotidiana nos revela. Minha proposta é a ideia de que a história é uma ciência, mas uma ciência de perguntas gerais e respostas locais, localizadas.

Dou um exemplo que minha companheira, que é psicanalista, sempre diz: “Que estupidez!”. Mas é útil. O complexo de Édipo é uma invenção científica perfeita ou uma realidade científica. Mas cada um de vocês, assim como eu, infelizmente, também tem uma solução para lidar com seu próprio complexo de Édipo.

Agora, essa é uma questão geral, de relevância geral, e devemos imaginar que cada um de nós manipula, utiliza e luta com seu próprio complexo de Édipo. Eu acredito que isso é muito importante, porque é uma definição da micro-história. A história é uma produção de fatos, de problemas, de questões que devemos interrogar. E devemos entender que algo importante gera um leque de soluções localizadas.

Podemos pensar no complexo de Édipo, por exemplo, no fascismo. O fascismo é uma boa questão. As sociedades hoje estão cheias de fascismos. E os fascismos são todos diferentes. Esse é um problema, é uma boa pergunta: o que é o fascismo? E precisamos entender que há muitas respostas.

Eu sempre discuto com meu amigo Carlo Ginzburg, porque ele diz que há uma “semelhança de família”, citando Wittgenstein. Não é uma semelhança divina, mas uma história que gerou muitos fascismos diferentes, com elementos semelhantes, com aspectos idênticos, mas também com diferenças totais. Como é o fascismo latino-americano em comparação com o fascismo europeu? São muito diferentes. O fascismo espanhol e o português são distintos. O fascismo italiano também é diferente.

Acredito que essa definição é muito útil para entender a micro-história. A micro-história é algo que se repete. Há uma questão geral, como o complexo de Édipo. Mas existem muitos outros complexos. Cada um desses complexos individuais e localizados nos propõe novas questões, novas demandas. E o problema fundamental da historiografia, na verdade, é como coordenar um conceito geral, uma generalização, e sua aplicação a contextos específicos, a realidades localizadas. Como podemos estabelecer conexões entre esses pontos?

Tenho dois exemplos sobre isso. Um é o de Siegfried Kracauer, que foi um escritor famoso. Não se pode chamá-lo exatamente de historiador, porque ele trabalhava com cinema, fotografia –

era uma grande figura, com uma cultura impressionante, e que agora voltou a estar em voga. Seu livro se chama *História: as últimas coisas antes das últimas*, uma obra organizada por sua esposa após sua morte e publicada postumamente. Nesse livro fundamental, ele discute exatamente como podemos conectar o particular e o geral. O geral é útil. Por exemplo, Kracauer diz que, se falamos de beleza, isso por si só não significa nada. A beleza existe, sim, mas há tantas coisas belas, todas diferentes, e cada uma delas é um caso particular. Como essas coisas se conectam? Kracauer afirma: “Essas dimensões – o geral e o particular – correm paralelas, mas nunca se encontram”. E, ao mesmo tempo, ele diz que não podemos simplesmente usar um caso singular para fazer generalizações – algo que os historiadores fazem com frequência.

Penso, por exemplo, em Ariès ou Duby, que utilizaram três ou quatro contratos agrários e generalizaram a partir deles. Essa generalização é totalmente inadequada, porque nem todos os contratos agrários são iguais. Nem todas as famílias envolvidas que são iguais. Por isso, segundo Kracauer, não é possível coordená-los. Eles correm paralelamente, mas jamais se encontram. Essa é uma solução desesperada. Eu prefiro outra. Prefiro uma solução sugerida por um grande antropólogo norueguês chamado Frederick Barth.

O que ele diz? Se há uma questão geral, devemos imaginar que ela é geradora de muitas soluções. O geral sugere muitas soluções. Não é que usamos o geral como o fim do nosso trabalho. Devemos imaginar uma, duas ou um milhão de alternativas. E cada alternativa, cada localização, permite reabrir uma nova generalização. Porque uma nova questão na história faz esse trabalho contínuo: geral – perguntas – tantas respostas – novas perguntas gerais – tantas soluções, e assim por diante. Seguimos dessa forma. Essa é uma ideia que provavelmente Marc Bloch também tinha.

Era a ideia do trabalho contínuo da história, o fato de que não chegamos a soluções definitivas. E devo dizer, como ignorante, que também a física hoje faz a mesma coisa: não chega à conclusão, mas existem perguntas, que geram mais perguntas, e assim por diante. Não sabemos a solução final sobre o que os buracos negros nos mostram, os vazios. Não sabemos o que há, mas utilizamos esse nível inicial, primeiro – e não é primeiro, é um dos níveis da ciência física – sabendo que não sabemos qual é o princípio.

Conhecemos apenas algumas das consequências que nos foram dadas. Isso me parece muito fascinante porque, ao contrário, os historiadores tendem a dar soluções gerais. É preciso controlar nosso instinto de generalização. Devemos usá-lo como questões, como perguntas, e não como conclusões. Porque o mundo dos homens, assim como o mundo natural, muda continuamente, avança, e devemos considerar constantemente as consequências de uma pergunta geral.

Frederick Barth falava de modelos geradores e estudava coisas minuciosíssimas. Por exemplo: Como se organiza a autoridade em um barco de pescadores durante uma tempestade? Como funciona automaticamente uma hierarquia ou não funciona automaticamente? Isso, ele diz, é uma boa pergunta. Como se aprende um sistema hierárquico? Cria-se um sistema hierárquico que não pode ser generalizado... Agora, eu me detengo nisso porque há muito trabalho a ser feito nesse sentido.

Li oito, ao que me parece, hipóteses de trabalhos de vocês [alunos]. E todos esses tendem ou induzem o particular ao particular. O particular não é interessante quando se estuda uma aldeia. Uma coisa não interessa por si, só interessam as pessoas que vivem nesse povoado. Mas, ao contrário, se utilizarmos o povoado como produtor de questões, esse é o trabalho que um bom historiador deve fazer: moderar a generalização, não exagerar. Não dizer: não me interessa uma aldeia, mas me interessa uma aldeia porque ela me sugere coisas.

Isso é muito importante, porque os estudantes, assim como os historiadores profissionais, pensam que é automático generalizar. Encontram duas ou três coisas muito semelhantes e podem dizer: é assim, mas não é assim. É assim por conta de mais três ou quatro coisas. Surgiram essas três ou quatro coisas propostas. Agora, mudo de parágrafo.

Devo dizer que a micro-história é menos perigosa do que a *Global History* porque é, de fato, um método. Pode-se aplicá-lo. Eu, na minha atividade de historiador, busco ver quantas coisas importantes acontecem quando aparentemente nada ocorre. É um *slogan* que eu achava ter inventado, mas já havia sido inventado por Musil. Musil diz exatamente isso: quantas coisas importantes acontecem quando não acontece nada. Eu acredito que isso é muito importante, porque devemos desenvolver a atividade de historiador com um senso de justiça.

A historiografia dos historiadores tem uma doença muito perigosa. É uma doença desse tipo: podemos fazer a biografia, por exemplo, de um grande personagem. Talvez possamos fazer a biografia de um personagem médio, gradualmente descendo. Ajudamos as pessoas a entenderem que não há individualidade. Estudamos a classe operária ou os camponeses como um bloco ou um objeto. Não há individualidade, há a soma de individualidades que não conhecemos.

Toda a historiografia tem trabalhado dessa maneira, buscando os grandes personagens ou também os mais documentados. Ora, uma das coisas mais perigosas para os historiadores é não utilizar documentos. Os documentos são fundamentais. São fundamentais, mas de que maneira? Porque são instrumentos muito equívocos, são produzidos em situações que não são normais. Nos dizem coisas com modificações, com erros etc. Por exemplo, nós estudamos as biografias, a nossa própria biografia, por exemplo. Temos vergonha dos documentos que temos no nosso quarto, na nossa casa. Por que deixamos documentos miseráveis? Não, não somos nós.

---

Agora, também existe uma hierarquia na historiografia que diz: os homens têm mais documentos do que as mulheres. Os alfabetizados têm mais documentos do que os analfabetos. Não se pode continuar com esse elenco. Isso produz uma distorção da qual não nos damos conta... Eu, na minha vida, busquei tentar discutir tudo o que é possível sobre pessoas que não documentaram nada, ou apenas de maneira fragmentada.

E isso é importante em geral, porque os documentos são criados, normalmente, por ações, decisões. Por exemplo, a indecisão é um elemento que não deixa documentos. A literatura apresenta Mrs. Dalloway sentada sobre um banco, em um palco, pensando; no entanto, nós, como historiadores, não produzimos documentos sobre essas coisas. Devemos, nesse sentido, ver como os documentos produzem coisas que não são tão explícitas. Não devemos ficar contentes com o que vemos de imediato.

Agora, há uma epidemia horrível que são os Big Data. Não é necessário ir ao arquivo, porque se você abre a internet, encontra tudo. Mas não é assim, porque os documentos, nós devemos frequentá-los, devemos enfrentar os arquivos. Mas há coisas nos documentos, há algo que é implícito... Estudamos testamentos, por exemplo, mas nenhum dos historiadores utiliza os testemunhos. Sim, estudamos casamentos. Ninguém estuda quem eram as testemunhas do casamento. Fazemos uma história do explícito, mas o implícito é o interessante. Porque todas as pessoas que participam de um documento, que estão implícitas, produzem relações. E as relações explicam as pessoas, os homens. Somos o centro das relações que não aparecem imediatamente na documentação. Eu acredito que isso é um problema trágico da historiografia. A tendência de generalizar é a tendência de se desesperar sobre o que é explícito nos documentos.

Quando meus alunos vão ao arquivo, voltam e dizem: professor, não encontrei nada documental sobre o que o senhor me sugeriu. Eu digo: isso é perfeito porque você pode começar, pode partir disso, porque esse é o problema dos documentos, são documentos insuficientes e que contêm coisas. Quem usou muito isso foi Natalie Zemon Davis, por exemplo, no caso de Martin Guerre. O que sabemos ou não sabemos sobre Martin Guerre? Isso dá ao historiador também o esforço de imaginar. Pode ser um erro. Devemos, como historiadores, imaginar. Conto brevemente o meu pequeno trabalho publicado em uma revista de psicanálise. Havia um jovem, o número da revista se chamava Intimidade. Agora, eu tinha um documento, uma pequena série de documentos, de um jovem marrano. Os marranos, vocês sabem, eram os judeus convertidos. O jovem marrano vivia em uma família marrana. Agora, eu me pergunto: como faz um jovem marrano para ir à igreja no domingo e voltar para casa e fazer rituais judaizantes? Que problema isso causava para uma criança? Isso me fez pensar sobre a minha infância. Eu nasci, em mil novecentos, não mil oitocentos, e trinta e nove. Nasci praticamente no dia em que começava a Segunda Guerra Mundial.

---

Na Segunda Guerra Mundial havia tantas coisas, existia também a campanha racial. Eu sou judeu e tive que mudar de nome. Os anos da Guerra Mundial foram os anos mais divertidos da minha vida, porque eu não tinha nenhuma experiência do passado, mas vivia de forma natural, normal, com os homicídios. O padre da cidade onde morávamos foi morto pelos nazistas porque tocava o sino para avisar aos *partigiani* [resistência italiana] para escaparem etc. Tudo isso é muito interessante, porque explica que nosso senso de realidade está muito distante dela.

Meu pobre marrano, quando ficou mais velho, com os pais mortos, o tio lhe disse: “Atenção, a Inquisição está procurando todo o nosso parentesco. Você deve se fazer dominicano”. Ele diz, “ótimo”, começa a estudar para se tornar dominicano, gasta uma quantidade de dinheiro com os estudos para comprar sua cela no convento dos dominicanos etc. Em um momento, eu me perguntei: como ele vivia essa vida dupla? No dia em que ele deveria entrar no convento dos dominicanos, finalmente dominicano, há apenas uma nota do tio, seu tutor, que dizia: “Eu devia acompanhá-lo” - vamos chamar ele de David – “para o convento dos jesuítas, dos dominicanos, porque foi aceito, etc.” Mas ele desapareceu, não sabemos onde foi, como uma revolta contra essa vida dupla. Agora, eu acredito que uma história como essa sugere muitas coisas importantes para os historiadores. Nós devemos trabalhar com os documentos, mas também usar hipóteses, imaginar, procurar coisas que não existem nos documentos, as intimidades pessoais, que não existem nos registros documentais, mas são fundamentais. Nós também devemos trabalhar sobre isso.

Agora termino e podemos discutir um pouco, se quiserem. Eu penso em uma coisa, que há duas batalhas que os historiadores do futuro devem enfrentar. Uma é contra o colonialismo norte-americano, porque ele nos obriga a abrir cátedras de *Global History*, quando na *American Historical Review* aparecem artigos sobre um tema, todo mundo começa a pesquisar esse tema. Por exemplo, a história das emoções. Se há uma estupidez total, é essa. Mas por cinco ou seis anos, todos podiam encontrar cátedras nos Estados Unidos e no mundo inteiro escrevendo bobagens sobre as emoções. Coisas inadequadas sobre as emoções. Eu acredito que devemos saber que vivemos em um mundo que exige que os historiadores lutem contra as absurdidades culturais e inventem novas coisas. Esta é a primeira coisa. A segunda é o que eu disse, devemos sempre estar ligados aos arquivos e aos documentos, mas saber que os arquivos e os documentos são mentirosos.

Terminei aqui, mas não disse uma coisa. Devo agradecer. Muito, muito obrigado à Mônica e à Maíra... Nunca me aconteceu ver meu livro modificado e ficar melhor. Geralmente, a gente se desespera ao ver entre as mãos um livro que ficou melhor. Esta é a ocasião.

Obrigado e obrigado!

\*\*\*

Recebida: 09 de maio de 2025

Aprovada: 09 de maio de 2025